

21 mai 2008

Nº 47

Importações crescem junto com oferta doméstica

Por **Fernando Puga**

Chefe de Departamento da APE

Importações industriais já alcançam 20% do consumo, 5 vezes mais que em 1985

Entre 2004 e 2007, o PIB brasileiro cresceu, em média, 4,5% ao ano. O

mercado interno foi o fator determinante desse desempenho. No período, o consumo das famílias aumentou em média 4,9% a.a., ao passo que o investimento teve expansão de 9,0% a.a.. O setor externo contribuiu negativamente para o desempenho da economia, uma vez que a quantidade exportada de bens e serviços teve aumento de 8,9% a.a., enquanto as quantidades importadas cresceram 15,1% a.a..

Nesse novo ciclo de cresci-

mento, baseado no mercado interno, observa-se crescente participação dos bens industriais importados no consumo aparente doméstico. O comportamento do coeficiente de importações na indústria é o tema deste artigo. O estudo analisa o indicador entre 1985 e 2007, focando nos determinantes macroeconômicos de sua evolução. A análise setorial foi deixada para o próximo Visão. Chama-se atenção para o fato de o aumento do coeficiente nos quatro últimos anos vir acompanhado de alta na demanda interna e na produção. Do ponto de vis-

Visão do Desenvolvimento é uma publicação da área de Pesquisas Econômicas (APE), do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. As opiniões deste informe são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente o pensamento da administração do BNDES.

ta global, o desempenho recente das importações foi complementar ao aumento da oferta doméstica.

Evolução global do coeficiente de importações da indústria: 1985-2007

Uma das formas usualmente utilizadas para medir a relevância das importações em uma economia é por meio do coeficiente de importações da indústria. Esse indicador mede a participação de bens importados no consumo apa-

rente - **De 1985 a 1989 a economia estava praticamente fechada, com coeficientes de importação inferiores a 5%**

produção menos ex-
portação
mais importação - de bens industrializados.

Em um contexto de fraco desempenho da oferta de bens nacionais, um aumento relevante do coeficiente indica uma substituição da produção doméstica por importados. Em contrapartida, quando os dois indicadores caminham juntos, as evidências são de complementariedade.

Neste artigo, o coeficiente foi calculado a preços constantes,

com base na cotação média do dólar em 2005 (R\$ 2,4 por US\$). O objetivo de manter preços fixos é observar o crescimento real da produção e das importações.¹ O Gráfico 1 mostra o comportamento do coeficiente, para a indústria como um todo, entre 1985 e 2007. Nesse último ano, o coeficiente de importações da indústria atingiu 20,3% - nível mais elevado da série. Trata-se de um percentual cinco vezes superior ao observado em 1985, quando atingiu 3,8%. O Gráfico apresenta também

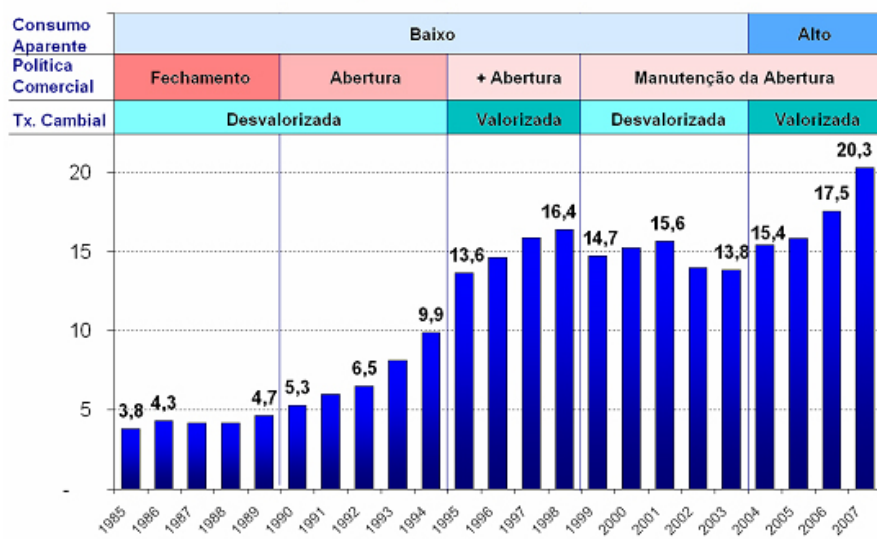
uma caracterização estilizada dos desempenhos do

consumo aparente, da política comercial e da taxa de câmbio, que são considerados na literatura econômica como determinantes importantes da evolução das importações. A evolução do coeficiente e essa caracterização serviram para agrupar os períodos a serem analisados.

O baixo valor do coeficiente entre 1985 e 1989 – percentuais inferiores a 5% – revela que a economia, à época, estava praticamente fechada às importações. Vale lembrar que, nesse período, a compra de bens no exterior estava sujeita a elevadas tarifas aduaneiras e a controles administrativos centralizados pela Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (CACEX).

Esse quadro mudou, a partir de

1 Houve duas alterações na forma de calcular o coeficiente de importações, em relação a estudos anteriores publicados nos números 4 e 26 do Visão. A primeira foi a mudança no ano base para cálculo dos valores a preços constantes de 2000 para 2005. A segunda foi o maior uso dos dados da Funcex para acompanhar a evolução das exportações e importações a preços constantes, em substituição às séries de IPA (Índice de preços por atacado) da FGV.

Gráfico 1: Coeficiente de Importações da Indústria

Fonte: IBGE, Secex e Funcex (elaboração BNDES).

1990, quando teve início a abertura comercial. A tarifa média de importação caiu de 41%, em 1989, para 14%, em 1994 e a CACEX deixou de operar. Nesse segundo período, o coeficiente aumentou de 4,7% para 9,9%, ou seja, 5,2

p.p.. Como o crescimento do consumo aparente da

indústria foi menor que nos anos anteriores, como mostra a Tabela, e a taxa real de câmbio continuou desvalorizada, pode-se afirmar que esse salto registrado no coeficiente de importações decorreu basicamente do impacto da política de abertura comercial, implantada no início da década de 1990.

Entre 1990 e 1994, importados restringiram produção doméstica e causaram desindustrialização

A alta do coeficiente de importações foi acompanhada por queda na produção física da indústria, como mostra a Tabela. Trata-se de um período de desindustrialização, em que a entrada de produtos importados

restringiu a produção doméstica.

Entre 1995

e 1998, a penetração das importações na indústria brasileira se acelerou ainda mais. Houve uma elevação de 6,5 p.p. no coeficiente. Nesse terceiro período, o comportamento do coeficiente de importações refletiu basicamente o aprofundamento da abertura comercial, combinado com uma expressiva valorização da moeda

Tabela: Crescimento dos Componentes do Coeficiente de Importações (% ao ano)*									
Componentes	1986 a 1989	1990 a 1994	1995 a 1998	1999 a 2003	2004 a 2007	2004	2005	2006	2007
Importações	8,1	16,4	17,4	(3,5)	15,8	19,5	5,2	16,4	22,9
Consumo Aparente	2,9	0,1	3,2	0,0	5,9	7,4	2,0	5,1	9,2
Produção Física	2,7	(0,2)	1,3	2,0	5,0	8,3	3,1	2,8	6,0

* Uma vez que os dados estão em dólares de 2005, a preços constantes, podem haver divergências entre as taxas apresentadas e as divulgadas pelo IBGE e pela Funcex.

Fonte: IBGE, Secex e Funcex (elaboração própria).

nacional, o real. Em 1997, a apreciação da taxa real do câmbio² chegou ao ponto máximo na década, tomando-se como referência uma cesta de 13 moedas (ver Gráfico 2).

A produção industrial teve aumento modesto, enquanto o consumo aparente apresentou ritmo de crescimento semelhante ao observado na segunda metade dos anos oitenta. As importações, contudo, tiveram expressivo aumento. O período foi, portanto, de maior abertura da economia, em meio a um fraco desempenho industrial.

De 1999 a 2003, o coeficiente de importações ficou estável, situando-se em um estreito intervalo entre 14% e 16%. Esse quarto período foi, logo em seu início, marcado por uma forte desvalorização cambial que se seguiu à adoção do atual regime de câmbio flexível. O desempenho da economia foi liderado pelas exportações, em um con-

texto de estagnação da demanda doméstica e de queda no quantum importado.

As importações e a produção industrial tiveram desempenho inverso ao observado de 1990 a 1994, a despeito de o consumo ter se mantido estagnado nessas duas fases. Assim, o período de 1999 a 2003 foi de substituição das importações por produção doméstica.

A partir de 2004, o coeficiente de importações voltou a crescer rapidamente. Esse fato de-

correu principalmente de dois fatores. O primeiro foi a taxa de crescimento da economia, que foi mais estável e elevada – média de 4,7% ao ano. Esse comportamento difere dos “vôos da galinha” – aceleração curta de até 2 anos seguida por igual desaceleração – que predominaram desde os anos 1980. O segundo fator foi a forte apreciação cambial. Em 2007, a taxa real de câmbio chegou a um nível 21% acima do registrado em 1997, auge do período anterior de valorização.

² Real/ Cesta de 13 moedas, utilizando o IPA como deflator.

Houve significativo crescimento das importações, mas, dessa vez, em meio a uma forte aceleração na demanda doméstica. A produção física industrial cresceu a taxas mais robustas que nas fases anteriores – 5% –, porém inferiores às do consumo aparente –

5,9%. Foi, portanto, um período de forte

complementaridade entre o desempenho da oferta industrial doméstica e das importações. Nesse sentido, a maior entrada de importados ajudou a evitar situações relevantes de excesso de demanda na economia, com conseqüentes pressões sobre a inflação.

Conclusão

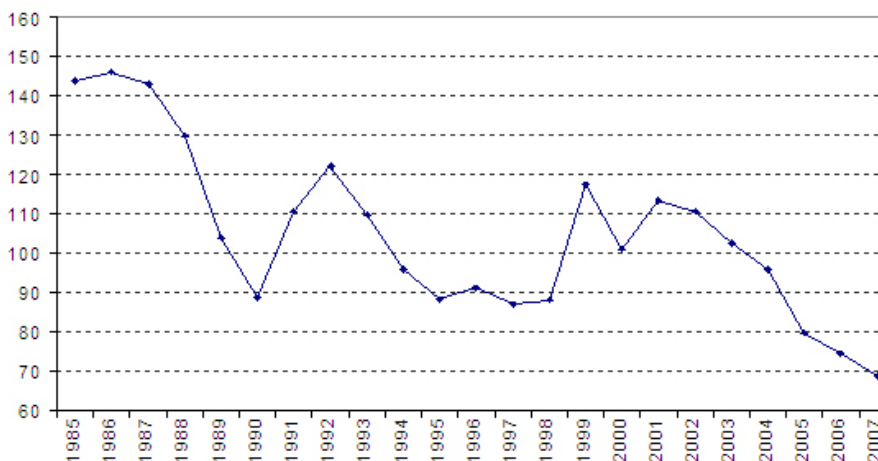
Esse estudo analisou os determinantes macroeconômicos do aumento do coeficiente de importações nas últimas duas décadas, ficando a análise setorial para o próximo Visão. Em 2007, o coe-

ficiente de importações da indústria atingiu seu ponto recor-

de de 20%. Trata-se de percentual mais de cinco vezes superior ao observado em 1985.

Esse aumento no coeficiente representa uma mudança estrutural na divisão de trabalho entre a indústria brasileira e a internacional. O determinante de longo prazo dessa mudança foi a política de

Gráfico 2: Taxa Real de Câmbio*



* Real/Cesta de 13 Moedas, utilizando o IPA como deflator.

Fonte: Funcex.

abertura comercial. A partir desta, o Brasil deixou de ser uma economia com elevadas tarifas aduaneiras e rígidos controles administrativos às importações, para tornar-se um país mais integrado comercialmente com o exterior.

Outro fator que contribuiu para a alta do coeficiente foi a taxa de câmbio. Esse determinante teve importância significativa, em períodos de valorização cambial, como acelerador do aumento da penetração das importações na economia. Em momentos de desvalorização cambial, serviu para moderar os efeitos do processo de abertura comercial sobre as importações.

Esses dois fatores, abertura comercial e câmbio, foram os principais responsáveis pela expressiva alta no coeficiente de importações, de 1990 a 1998. Nesse período, o coeficiente aumentou

mais de 10 pontos percentuais. O aumento, no entanto, foi acompanhado por um baixo desempenho da produção nacional, em um contexto de fraco crescimento do consumo doméstico.

No período 2004 a 2007, o aumento do coeficiente das importações foi impulsionado por um terceiro determinante - o crescimento na demanda interna. Este crescimento, por sua vez, foi movido pelo aumento do investimento e do consumo familiar. A expansão das importações industriais foi basicamente complementar ao significativo aumento da produção e não substitutiva. O crescimento das importações foi, assim, um importante fator para ajustar desequilíbrios potenciais entre oferta e demanda e, conseqüentemente, moderar acelerações de preços na indústria.



O BANCO DO DESENVOLVIMENTO
DE TODOS OS BRASILEIROS

Se você quer receber os próximos números desta
publicação envie e-mail para
visao.do.desenvolvimento@bndes.gov.br.